

HORACIO QUIROGA

ANACONDA

«Quiroga foi o primeiro a desbravar
a selva literária e a deixar caminhos
que ainda hoje todos usamos.»

LUIS SEPÚLVEDA



cavalo de ferro

NOTA DO EDITOR À EDIÇÃO PORTUGUESA

A selecção e organização dos contos do presente volume segue a primeira edição de *Anaconda* (Agencia General de Libreria y Publicaciones, Buenos Aires, 1921). Esta reunia 19 contos, escritos e publicados de forma dispersa pelo autor em várias revistas entre 1906 e 1919. Pese embora a aclamação crítica e o êxito do livro, a que muito se deveu a popularidade do conto epónimo (que levaria o autor a escrever, anos mais tarde, *O Regresso de Anaconda*), na seguinte edição, Quiroga exclui quase metade dos contos desta primeira: no total nove, todos eles anteriores a 1916. As razões para tão drástica decisão não ficaram documentadas, porém tudo leva a crer que tenha sido com a intenção de conceder maior unidade ao volume, privilegiando os contos pertencentes ao núcleo temático da selva. É essa mesma explicação que surge na «nota de editor» da *edição definitiva*, de 1937. Ou seja, pelo menos aparentemente, excluem-se, por conseguinte, razões de insatisfação quanto à qualidade dos contos ou de economia editorial. Mais recentemente, a maioria dos editores de *Anaconda*, independentemente o texto de referência usado, com ou sem critério justificativo, têm optado por incluir estes «contos suprimidos» pelo autor. Foi também a nossa opção já na primeira edição desta tradução (Cavalo de Ferro, 2008). Esta segunda apenas difere dessa, além de termos procedido a nova e atenta revisão, na disposição dos contos, de modo a coincidir com a primeira edição original da obra. A nossa tradução é feita a partir do texto fixado pela mais recente *edição crítica* da obra de Horacio Quiroga (*Todos Los Cuentos*, ALLCA XX – Colección Archivos de la Literatura Latinoamericana del Caribe y Africana del Siglo XX, Madrid, 1997).

ANACONDA

I

Eram dez da noite e estava um calor sufocante. O tempo carregado pesava sobre a selva, sem um sopro de vento. O céu de carvão entreabria-se de vez em quando em surdos relâmpagos de um extremo ao outro do horizonte; mas a chuvada sibilante do sul ainda estava longe.

Por um caminho de vacas em pleno capim branco avançava *Lanceolada*¹, com a lentidão habitual das víboras. Era uma lindíssima jararaca, de um metro e cinquenta, com os ângulos negros do seu flanco bem cortados em serra, escama por escama. Avançava, tateando a segurança do terreno com a língua, que, nos ofídios, substitui perfeitamente os dedos.

Ia à caça. Ao chegar a uma encruzilhada de caminhos, deteve-se, enrolou-se prolixamente sobre si própria, mexeu-se ainda um instante, acomodando-se e depois de baixar a cabeça ao nível dos seus anéis, assentou a mandíbula inferior e esperou, imóvel.

Minuto após minuto, esperou cinco horas. Ao fim desse tempo, continuava igualmente imóvel. Má noite! O dia começava a romper e ia retirar-se, quando mudou de ideias. Sobre o céu lívido do leste, recortava-se uma imensa sombra.

— Gostaria de passar perto da Casa — disse a jararaca para consigo.
— Há dias que sinto ruído e é mister ficar alerta...

E deslocou-se prudentemente para a sombra.

A casa à qual *Lanceolada* se referia era um velho *bungalow* de madeira, todo pintado de branco. À sua volta, erguiam-se dois ou três barracões. Desde tempos imemoriais que o edifício estava desabitado. Agora ouviam-se barulhos insólitos, golpes de ferraduras, relinchos de cavalos; um conjunto de coisas que cheirava a léguas à presença do Homem. Má notícia...

1 *Bothrops jararaca*. [N. T.]

Porém, era necessário certificar-se e *Lanceolada* fê-lo muito mais depressa do que teria desejado.

Um barulho inequívoco de porta aberta chegou aos seus ouvidos. A víbora ergueu a cabeça e, enquanto notava que uma claridade dourada no horizonte anunciava a aurora, viu uma sombra estreita, alta e robusta que avançava na sua direcção. Ouviu também o ruído dos passos – o golpe seguro, pleno, muitíssimo afastado que também denunciava o inimigo a léguas.

– O Homem! – murmurou *Lanceolada*. E, rápida como um raio, enrolou-se em posição de alerta.

A sombra estava sobre ela. Um pé enorme caiu ao seu lado e a jararaca, com toda a violência de um ataque no qual apostava a vida, lançou a cabeça contra aquilo e recolocou-a na posição anterior.

O homem deteve-se: julgara ter sentido uma pancada nas botas. Olhou para a erva à sua volta, sem mover os pés; mas nada viu na escuridão, quase inalterada pelo vago nascer do dia, e seguiu caminho.

Lanceolada, contudo, viu que a casa começava a viver, desta vez real e efectivamente, com a vida do Homem. A jararaca empreendeu a retirada para o seu covil, levando consigo a segurança de que aquele acto nocturno não era senão o prólogo do grande drama que, em breve, se desenrolaria.

II

No dia seguinte, a primeira preocupação de *Lanceolada* foi o perigo que se abatia sobre toda a Família com a chegada do Homem. Homem e Devastação são sinónimos desde tempos imemoriais em toda a Aldeia dos Animais. Para as Víboras em particular, o desastre personificava-se em dois horrores: a faca de mato esquadrinhando, revolvendo o próprio ventre da selva, e o fogo, aniquilando depois o bosque e, com ele, os recônditos covis.

Era, portanto, urgente evitar tudo aquilo. *Lanceolada* esperou a nova noite para iniciar a campanha. Sem grande dificuldade, encontrou duas companheiras, que deram o grito de alarme. Ela, por seu turno, percorreu até à meia-noite os locais mais indicados para um feliz encontro, com tanta sorte que, às duas da manhã, o Congresso se encontrava senão em pleno, pelo menos com a maioria das espécies presente para decidir o que se iria fazer.

Na base de um muro de pedra, de cinco metros de altura, e em pleno bosque, claro está, havia uma caverna escondida pelos fetos, que quase obstruíam a entrada. Há muito que dava guarida a *Terrífica*, uma serpente cascavel, velha entre as velhas, cuja cauda contava trinta e dois anéis. O seu comprimento não ultrapassava um metro e quarenta, mas, em contrapartida, a sua grossura chegava à de uma garrafa. Magnífico exemplar, atravessada por rombos amarelos; vigorosa, tenaz, capaz de permanecer sete horas no mesmo sítio diante do inimigo, pronta a afiar os dentes, que possuem um canal interno e que são, como é sabido, senão os maiores, os mais admiravelmente constituídos de todas as serpentes venenosas.

Foi ali, por consequência, que, perante a iminência do perigo e presidido pela víbora cascavel, o Congresso das Víboras se reuniu. Para além de *Lanceolada* e de *Terrífica*, estavam presentes as outras jararacas do país: a pequena *Coatiarita*², benjamim da Família, com a linha encarniçada das suas costas bem visível e a sua cabeça particularmente afilada. Estava lá, negligentemente estendida como se se tratasse de tudo menos de fazer admirar as riscas brancas e cor de café do seu dorso sobre longas faixas cor de salmão, a esbelta *Neuwied*, modelo de beleza, e que guardara para si o nome do naturalista que determinara a sua espécie. Estava *Cruzada* – à qual, no Sul, chamam víbora da cruz³ – poderosa e audaz, rival de *Neuwied* quanto à beleza do desenho. Estava *Atroz*⁴, de nome suficientemente fatídico; e, por último, *Urutu-Dourado*, a jararacuçu⁵, dissimulando discretamente no fundo da caverna os seus cento e setenta centímetros de veludo negro obliquamente atravessado por faixas de ouro.

É de notar que as espécies do formidável género *Lachesis*, ou jararacas, a que pertenciam todas as congressistas excepto *Terrífica*, mantêm uma velha rivalidade quanto à beleza do desenho e à cor. Existem, com efeito, poucos seres tão dotados quanto elas.

De acordo com as leis das víboras, nenhuma espécie pouco abundante e sem o domínio real da região pode presidir às assembleias do Império. Por isso, *Urutu-Dourado*⁶, magnífico animal mortífero, mas cuja espécie é rara, não pretendia tal honra, cedendo-a de bom grado à víbora cascavel, mais débil mas que abunda milagrosamente.

2 *Bothrops cotiara*. [N. T.]

3 *Bothrops alternatus*. [N. T.]

4 *Bothrops atrox*. [N. T.]

5 *Bothrops jararacussu*. [N. T.]

6 Boa arco-íris (*Epicrates cenchria*). [N. T.]

O Congresso estava pois maioritariamente presente e *Terrífica* abriu a sessão.

– Companheiras! – disse. – Fomos todas informadas por *Lanceolada* da presença nefasta do Homem. Creio interpretar o anseio de todas nós, ao tentar salvar o nosso Império da invasão inimiga. Só um meio nos assiste, pois a experiência diz-nos que o abandono do terreno nada remedeia. Esse meio, todas o sabem bem, é a guerra ao Homem, sem trégua nem quartel, a partir desta mesma noite, para a qual cada espécie contribuirá com as suas virtudes. Apraz-me, nesta circunstância, esquecer a minha classificação humana: Não sou, neste momento, uma serpente cascavel; sou uma jararaca, como vós. As jararacas, que têm a morte por negro pavilhão. Nós somos a Morte, companheiras! Entretanto, que alguma das presentes proponha um plano de campanha.

Ninguém ignora, pelo menos no Império das Víboras, que tudo o que *Terrífica* tem de comprido nos seus dentes tem curto em inteligência. Ela também o sabe e embora seja, por essa razão, incapaz de idealizar plano algum, possui, em virtude de ser uma velha rainha, o tacto suficiente para se calar.

Então *Cruzada*, espreguiçando-se, disse:

– Sou da opinião da *Terrífica* e considero que, enquanto não tivermos um plano, nada podemos nem devemos fazer. O que eu lamento é a ausência neste Congresso das nossas primas sem veneno: as Cobras.

Fez-se um longo silêncio. Evidentemente, a proposta não agradava às víboras. *Cruzada* sorriu de uma forma vaga e continuou:

– Lamento o que está a acontecer... Mas eu apenas gostaria de recordar o seguinte: se entre todas nós quiséssemos vencer uma cobra, não o conseguiríamos! É tudo o que quero dizer.

– Se é pela sua resistência ao veneno – objectou preguiçosamente *Urutu-Dourado*, do fundo do covil –, creio que eu me encarregaria sozinha de as enganar...

– Não se trata de veneno – replicou desdenhosamente *Cruzada*. – Também eu bastaria... – acrescentou com uma olhadela de soslaio para a jararacuçu. – Trata-se da sua força, da sua destreza, do seu nervosismo, do que lhe quiserem chamar! Qualidades de combate estas que ninguém pretenderá negar às nossas primas. Insisto que, numa campanha como aquela que pretendemos empreender, as serpentes nos serão de grande utilidade; mais: de uma necessidade imprescindível!

Mas a proposta continuava a desagradar.

– Porquê as cobras? – exclamou *Atroz*. – São desprezíveis.
 – Têm olhos de peixe – acrescentou a presunçosa *Coatiarita*.
 – Metem-me nojo! – protestou desdenhosamente *Lanceolada*.
 – Talvez te provoquem outra coisa... – murmurou *Cruzada*, olhando-a de soslaio.

– A mim? – silvou *Lanceolada*, erguendo-se. – Aviso-te de que estás a fazer uma má figura, defendendo esses vermes corredores!

– Se as Caçadoras te ouvem... – murmurou ironicamente *Cruzada*.

Mas ao ouvir este nome, *Caçadoras*, toda a assembleia se agitou.

– Não há razão para dizer tal coisa! – gritaram. – Elas são cobras e nada mais!

– Elas é que se chamam a si mesmas as Caçadoras! – replicou *Cruzada* secamente. – E estamos em Congresso.

Também é famosa entre as Víboras, desde tempos imemoriais, a rivalidade particular entre as duas jararacas: *Lanceolada*, filha do extremo norte, e *Cruzada*, cujo habitat se estende mais a sul. Uma questão de vaidade em matéria de beleza – segundo as cobras.

– Vamos, vamos! – interveio *Terrífica*. – A *Cruzada* que explique para que quer a ajuda das cobras, já que não representam a Morte como nós.

– Para isto! – replicou *Cruzada* já mais calma. – É indispensável saber o que faz o Homem lá na Casa; e para isso é preciso ir até lá, até à própria Casa. Ora bem, a empresa não é fácil, porque se o pavilhão da nossa espécie é a Morte, o pavilhão do Homem também é a Morte – e bastante mais rápida do que a nossa! As serpentes são superiores a nós no que diz respeito à agilidade. Qualquer uma de nós iria e veria. Mas será que voltaria? Ninguém melhor do que a *Ñacaná*⁷ para fazer isso. Estas explorações fazem parte dos seus hábitos diários e ela poderia, trepando ao tecto, ver, ouvir e regressar para nos informar antes de o dia nascer.

A proposta era tão razoável que desta vez toda a assembleia assentiu, se bem que com uma réstia de desagrado.

– Quem vai à sua procura? – perguntaram várias vozes.

Cruzada soltou a cauda de um tronco e deslizou para fora do covil.

– Vou eu – disse. – Volto já.

– Isso! – lançou-lhe *Lanceolada* nas suas costas. – Tu que és a protectora dela vais encontrá-la não tarda!

Cruzada teve ainda tempo de voltar a cabeça na sua direcção e deitou a língua de fora – um desafio a longo prazo.

⁷ Jararaca-do-brejo (*Mastigodryas bifossatus*). [N. T.]

III

Cruzada encontrou a *Ñacatiná* quando esta trepava a uma árvore.

– Eh, *Ñacatiná*! – chamou, com um leve sibilo.

Ñacatiná ouviu o seu nome; porém, absteve-se prudentemente de responder até nova chamada.

– *Ñacatiná*! – repetiu *Cruzada*, subindo meio-tom ao seu sibilo.

– Quem me chama? – respondeu a cobra.

– Sou eu, a *Cruzada*!...

– Ah, a prima... O que queres, prima adorada?

– Não é caso para brincadeiras, *Ñacatiná*... Sabes o que é que se está a passar na Casa?

– Sim, o Homem chegou... E que mais?

– E sabes que estamos em Congresso?

– Ah não, isso não sabia! – respondeu a *Ñacatiná*, deslizando de cabeça pela árvore abaixo, com tanta segurança como se estivesse a caminhar sobre um plano horizontal. – Alguma coisa grave se estará a passar para isso acontecer... O que é que se passa?

– Para já, nada; mas reunimo-nos em Congresso precisamente para evitar que alguma coisa nos aconteça. Em duas palavras: sabe-se que há vários homens na Casa e que lá vão ficar definitivamente. É a Morte para nós.

– Eu julgava que eram vocês a própria Morte... Não se cansam de o repetir! – murmurou ironicamente a cobra.

– Deixemos isso! Precisamos da tua ajuda, *Ñacatiná*.

– Para quê? Eu não tenho nada a ver com isso!

– Quem sabe? Para tua desgraça, és bastante parecida connosco, as Venenosas. Defendendo os nossos interesses, defendes os teus.

– Compreendo! – respondeu a *Ñacatiná*, passado algum tempo, durante o qual avaliou o conjunto de contingências que lhe eram desfavoráveis em virtude daquela semelhança.

– Bom, contamos contigo?

– O que é que eu devo fazer?

– Muito pouco. Deves ir já para a Casa e instalar-te lá, de modo a que vejas e oiças o que se passa.

– Não é muito, realmente! – respondeu negligentemente *Ñacatiná*, esfregando a cabeça contra o tronco. – Mas dá-se o caso – acrescentou – de ter o jantar assegurado lá em cima... Uma perua do campo a quem se meteu na cabeça aninhar por ali desde anteontem...

– Talvez encontres lá algo para comer – consolou-a suavemente *Cruzada*. A prima olhou-a de soslaio.

– Bom, a caminho – reafirmou a jararaca. – Passemos primeiro pelo Congresso.

– Ah, não! – protestou *Ñacatiná*.— Isso, não! Faço-vos o favor e basta! Irei ao Congresso quando voltar... se voltar. Mas ver antes do tempo a pele rugosa da *Terrífica*, os olhos matadores da *Lanceolada* e a cara estúpida da *Coralina*⁸, isso não!

– A *Coralina* não está.

– Não importa! Com o resto já tenho quanto baste.

– Está bem, está bem! – respondeu *Cruzada*, que não queria fazer finca-pé. – Mas se não abrandares um bocadinho, não te posso acompanhar.

Com efeito, mesmo a correr, a jararaca não conseguia acompanhar o deslizar – quase lento para esta – da *Ñacatiná*.

– Fica, já estás perto das outras – respondeu a cobra. E partiu, a toda a velocidade, deixando num segundo a sua prima Venenosa para trás.

IV

Um quarto de hora mais tarde, a Caçadora chegava ao seu destino. Na Casa, ainda estavam acordados. Pelas portas, abertas de par em par, saíam jorros de luz e, ainda longe, a *Ñacatiná* pode ver quatro homens sentados à volta de uma mesa.

Para chegar em segurança, faltava apenas evitar o problemático encontro com um cão. Havê-los-ia? *Ñacatiná* temia-o muito. Por isso deslizou em frente com grande cautela, sobretudo quando chegou à entrada do corredor.

Já lá dentro, observou com atenção. Nem em frente, nem à direita, nem à esquerda havia cão algum. Só lá adiante, no corredor oposto que a cobra podia ver por entre as pernas dos homens, dormia um cão preto, deitado de costas.

O lugar estava, assim, livre. Como, a partir do sítio em que se encontrava, podia ouvir, mas não ver todo o panorama dos homens que falavam, a cobra, após dar uma olhadela para cima, obteve num instante aquilo que desejava. Trepou por uma escada encostada à parede

⁸ Cobra coral (*Micrurus corallinus*). [N. T.]

sob o alpendre e instalou-se num espaço livre entre a parede e o tecto, estendida sobre a viga. Porém, por mais precauções que tomasse ao deslizar, um velho prego caiu ao chão e um homem levantou os olhos.

– Acabou-se! – disse para si mesma *Ñacaní*, sustendo a respiração. Um outro homem olhou também para cima.

– O que foi? – perguntou.

– Nada – respondeu o primeiro. – Pareceu-me ver algo negro por ali.

– Uma ratazana.

– O Homem enganou-se – murmurou para si a cobra.

– Ou então alguma jararaca-do-brejo.

– O outro Homem acertou – murmurou de novo a aludida, preparando-se para a luta.

Mas os dois homens baixaram de novo o olhar, e a *Ñacaní* viu e ouviu durante meia hora.

V

A Casa, motivo de preocupação na selva, tinha-se convertido num estabelecimento científico da maior importância. Conhecida já há tempo a especial riqueza em víboras daquele recanto do território, o Governo da Nação decidira criar um Instituto de Seroterapia Ofidia, onde seriam preparados soros contra o veneno das víboras. A abundância destas era um ponto capital, pois ninguém ignora que a carência de víboras das quais extrair o veneno é o principal inconveniente para uma vasta e segura preparação do soro.

O novo estabelecimento podia começar quase de imediato pois contava com dois ou três cavalos já em vias de completa imunização. Tinha sido possível organizar o laboratório e o serpentário. Este último prometia enriquecer de uma forma assombrosa, tanto mais que o Instituto levava consigo não poucas serpentes venenosas – as mesmas que serviam para imunizar os animais supracitados. Porém, se tivermos em conta que um cavalo, no último grau de imunização, necessita de seis gramas de veneno em cada injeção (quantidade suficiente para matar duzentos e cinquenta cavalos), compreender-se-á que o número de víboras disponíveis que um Instituto do género requer terá de ser muito grande.

Os dias, duros ao princípio, de uma instalação na selva mantinham o pessoal superior do Instituto acordado até à meia-noite, entre planos de laboratório e outros assuntos.

– E os cavalos, como estão hoje? – perguntou um deles, de lentes fumadas, que parecia ser o chefe do Instituto.

– Muito abatidos – respondeu outro. – Se não conseguirmos fazer uma boa colheita nos próximos dias...

A *Ñacaní*, imóvel sob a viga, com os olhos e os ouvidos alerta, começava a tranquilizar-se.

– Quer-me parecer – disse para si própria – que as primas venenosas apanharam um valente susto. Destes homens não há grande coisa a temer...

E avançando um pouco mais a cabeça, a tal ponto que o seu nariz já passava a linha da viga, observou com mais atenção.

Mas um contratempo evoca outro.

– Hoje tivemos um dia mau – acrescentou alguém. – Partiram-se cinco tubos de ensaio...

A *Ñacaní* sentia-se cada vez mais inclinada para a compaixão.

– Pobre gente! – murmurou. – Partiram-se-lhes cinco tubos...

E dispunha-se a abandonar o seu esconderijo para explorar aquela inocente casa, quando ouviu:

– Em contrapartida, as víboras estão magníficas... Parecem dar-se bem neste sítio.

– Eh? – A cobra sacudiu-se, lançando velozmente a língua. – O que é que este careca de fato branco está a dizer?

Mas o homem prosseguia:

– O lugar parece-me ideal para elas... E nós e os cavalos precisamos urgentemente delas.

– Com sorte, vamos fazer uma caçada de víboras famosa neste sítio. Não há dúvida de que esta é a terra das víboras.

– Hum... hum... hum... – murmurou *Ñacaní*, enrolando-se o mais possível na viga. – As coisas começam a ficar um bocadinho diferentes... Há que permanecer aqui mais um bocadinho com esta boa gente... Aprendem-se coisas curiosas.

Tantas coisas curiosas ouviu que quando, ao fim de meia hora, se quis retirar, o excesso de sabedoria adquirida a fez fazer um movimento em falso e um terço do seu corpo caiu, embatendo na parede de tábuas. Como caíra de cabeça, dirigiu num instante para a mesa a sua língua vibrante.

A *Ñacaní*, cujo comprimento pode atingir os três metros, é corajosa, certamente a mais corajosa de todas as nossas serpentes. Resiste a um ataque sério do Homem, que é muito maior do que ela, e faz-lhe sempre frente. Como a sua própria coragem a faz crer que é muito tímida, a nossa ficou um bocadinho surpreendida ao ver que os homens, sabendo já do que se tratava, tinham desatado a rir, tranquilos.

– É uma jararaca-do-brejo... Tanto melhor; assim limpar-nos-á a casa de ratazanas.

– Ratazanas?... – sibilou a outra. E como continuava a provocar, um homem acabou por se levantar.

– Por muito útil que seja, não deixa de ser um bicho mau... Uma destas noites vou dar com ela à procura de ratos na minha cama...

E pegando num pau que estava por perto, lançou-o contra a *Ñacaní* com toda a força. O pau passou a assobiar junto da cabeça da intrusa e foi bater na parede com um terrível estrondo.

Há ataques e ataques. Fora da selva, e entre quatro homens, a *Ñacaní* não se sentia à vontade. Retirou-se a grande velocidade, concentrando toda a sua energia na qualidade que, juntamente com a coragem, constitui a sua primeira faculdade: a velocidade da corrida.

Perseguida pelo ladrar do cão e também por este durante algum tempo – o que lançou nova luz sobre aquelas pessoas –, a cobra chegou à caverna. Passou por cima de *Lanceolada* e de *Atroz* e enrolou-se a descansar, morta de fadiga.

VI

– Finalmente! – exclamaram todas, rodeando a exploradora. – Julgávamos que ias ficar com os teus amigos Homens...

– Hum!... – murmurou *Ñacaní*.

– Que novas nos trazes? – perguntou *Terrífica*.

– Devemos esperar um ataque ou não prestamos atenção aos Homens?

– Talvez isso fosse melhor... E passar para o outro lado do rio – respondeu *Ñacaní*.

– O quê?... Como?... – saltaram todas. – Estás louca?

– Oiçam primeiro.

– Conta, então!

E *Ñacaní* contou tudo o que tinha visto e ouvido: a instalação do Instituto Serológico, os seus planos, os seus propósitos e a decisão dos Homens de caçar quantas víboras houvesse na região.

– Caçar-nos! – saltaram *Urutu-Dourado*, *Cruzada* e *Lanceolada*, feridas no mais vivo do seu orgulho. – Matar-nos, quererás tu dizer!

– Não! Caçar-vos, nada mais! Prender-vos, alimentar-vos bem e, de vinte em vinte dias, extrair-vos o veneno. Querem vida mais doce?

A assembleia ficou estupefacta. *Ñacaní* tinha explicado muito bem a finalidade desta colheita de veneno; o que não explicara, porém, eram os meios para obter o soro.

Um soro antiveneno! Isto é, a cura assegurada, a imunização de homens e animais contra a mordedura; a Família inteira condenada a perecer de fome em plena selva natal.

– Exactamente! – apoiou *Ñacaní*. – Não se trata senão disso.

Para *Ñacaní*, o perigo previsto era muito menor. Que lhe importava a ela e às suas irmãs, as Caçadoras – a elas, que caçavam a dente limpo, à força de músculo –, que os animais estivessem ou não imunizados? Via apenas um ponto obscuro e esse era a excessiva semelhança de uma cobra com uma víbora, que favorecia confusões mortais. Daí o interesse da cobra em suprimir o Instituto.

– Eu ofereço-me para começar a campanha – disse *Cruzada*.

– Tens um plano? – perguntou, ansiosa, *Terrífica*, sempre falha de ideias.

– Nenhum. Amanhã à tarde irei, simplesmente, tropeçar em alguém.

– Tem cuidado! – disse-lhe *Ñacaní*, com voz persuasiva. – Há várias jaulas vazias... Ah, já me esquecia! – acrescentou, dirigindo-se a *Cruzada*. – Há bocado, quando saí dali... Há um cão preto muito peludo... Creio que segue o rasto de víboras... Tem cuidado!

– Logo veremos! Mas peço que se convoque o Congresso para amanhã à noite. Se eu não puder comparecer, tanto pior...

Mas a assembleia ficara novamente surpreendida.

– Cão que segue o nosso rasto?... Tens a certeza?

– Quase. Cuidado com esse cão, porque pode provocar-nos mais danos do que todos os homens juntos!

– Eu encarrego-me dele – exclamou *Terrífica*, contente por (sem maior esforço mental) poder pôr em acção as suas glândulas de veneno, que, à menor contracção nervosa, escorria pelo canal das suas presas.

Mas já todas as víboras se dispunham a passar a palavra na sua área e a *Ñacatiná*, grande trepadora, foi especialmente encarregada de levar a voz de alarme às árvores, reino preferido das cobras.

Às três da manhã, a assembleia dissolveu-se. As víboras, de regresso à vida normal, afastaram-se em diferentes direcções, já desinteressadas umas das outras, silenciosas, sombrias, enquanto a serpente cascavel ficava enrolada e imóvel no fundo da caverna, fixando os seus duros olhos vítreos num sonho de mil cães paralisados.

VII

Era uma da tarde. Pelo campo de fogo, a salvo nas matas de capim-limão, *Cruzada* arrastava-se em direcção à Casa. Não levava outra ideia, nem julgava necessário ter outra, além daquela de matar o primeiro homem que viesse ao seu encontro. Chegou ao alpendre e ali se enrolou, à espera. Passou assim meia hora. O calor sufocante que reinava há três dias começava a pesar sobre os olhos da jararaca, quando um tremor surdo avançou, vindo da sala. A porta estava aberta e, diante da víbora, a trinta centímetros da sua cabeça, apareceu o cão, o cão preto e peludo, com os olhos semicerrados de sono.

– Maldito animal!... – disse para si mesma *Cruzada*. – Teria preferido um homem...

Nesse instante, o cão deteve-se, farejando, e virou a cabeça... Tarde demais! Sufocou um uivo de surpresa e mexeu desesperadamente o focinho mordido.

– Este já está despachado... – murmurou *Cruzada*, enrolando-se de novo. Mas quando o cão ia lançar-se sobre a víbora, sentiu os passos do seu amo e arqueou-se, ladrando à jararaca. O homem das lentes fumadas apareceu junto de *Cruzada*.

– O que é que se passa? – perguntaram do outro corredor.

– Uma *alternatus*... Belo exemplar – respondeu o homem. E antes que a víbora tivesse podido defender-se, sentiu-se estrangulada numa espécie de prensa presa no extremo de um pau.

A jararaca estremeceu de orgulho ao ver-se assim; lançou o corpo para todos os lados, tentou em vão recolher o corpo e enrolá-lo no pau. Impossível; faltava-lhe o ponto de apoio na cauda, o famoso ponto de apoio sem o qual uma poderosa boa se vê reduzida à mais vergonhosa

impotência. O homem levou-a assim, pendendo, e foi atirada para o Serpentário.

Este era constituído por um simples espaço de terra cercado por chapas de zinco liso, dotado de algumas jaulas e que albergava trinta a quarenta víboras. *Cruzada* caiu por terra e manteve-se por um momento enrolada e congestionada sob o sol de fogo.

A instalação era evidentemente provisória; grandes caixotes alcatroados e planos serviam de banheira às víboras e várias caixas e pedras amontoadas ofereciam protecção aos hóspedes daquele paraíso improvisado.

Um instante depois, cinco ou seis companheiras, que foram reconhecer a sua espécie, rodearam e passaram por cima da jararaca.

Cruzada conhecia-as a todas; mas não conhecia uma grande víbora que tomava banho numa jaula fechada com rede metálica. Quem seria? Era absolutamente desconhecida para a jararaca. Também ela curiosa, aproximou-se lentamente.

Aproximou-se tanto que a outra se ergueu. *Cruzada* sufocou um silvo de assombro, enquanto se mantinha em guarda, enrolada. A grande víbora acabara de dilatar o pescoço, mas monstruosamente, muito mais do que *Boipeva*⁹, a sua prima. Ficava realmente extraordinária assim.

– Quem és tu? – murmurou *Cruzada*. – És das nossas?

Isto é, venenosa. A outra, convencida de que não tinha havido intenção de atacar na aproximação da jararaca, recolheu as suas duas grandes orelhas.

– Sim – respondeu. – Mas não daqui... de muito longe... da Índia.

– Como te chamas?

– *Hamadrías*... ou cobra-capelo-real.

– Eu sou a *Cruzada*.

– Sim, não precisas de o dizer. Já vi muitas irmãs tuas... Quando é que te caçaram?

– Há bocado... Não consegui matar.

– Teria sido melhor para ti se te tivessem matado...

– Mas matei o cão.

– Qual cão? O cão daqui?

– Sim.

A cobra real desatou a rir, ao mesmo tempo que *Cruzada* sofria um novo abalo: o cão peludo que julgava ter morto estava a ladrar...

9 *Waglerophis merremi*. [N. T.]

– Surpreende-te, hem? – acrescentou *Hamadrias*. – Já aconteceu a muitas.

– Mas eu mordi-o na cabeça... – respondeu *Cruzada*, cada vez mais aturdida. – Não me resta uma única gota de veneno – concluiu. – É apanágio das jararacas esvaziar praticamente as suas glândulas numa mordedura.

– Para ele é indiferente teres ou não esvaziado...

– Não pode morrer?

– Sim, mas não por nossa causa... Está imunizado. Mas tu não sabes o que isso é...

– Sei! – respondeu vivamente *Cruzada*. – *Ñacatiná* contou-nos... A cobra real considerou-a então atentamente.

– Tu pareces-me inteligente...

– Tanto quanto tu... pelo menos! – replicou *Cruzada*.

O pescoço da asiática expandiu-se bruscamente de novo, e de novo a jararaca se pôs em guarda.

Ambas as víboras se olharam durante um longo momento e o capuz da cobra baixou lentamente.

– Inteligente e valente – murmurou *Hamadrias*. – Pode-se falar contigo... Sabes o nome da minha espécie?

– *Hamadrias*, suponho.

– Ou *Naja búngaro*... ou cobra-capelo-real. Nós somos aparentadas com a vulgar cobra-capelo da Índia, como tu com uma dessas coatiarazinhas... E sabes de que é que nos alimentamos?

– Não.

– De víboras americanas... entre outras coisas – concluiu, balouçando a cabeça diante de *Cruzada*.

Esta apreciou rapidamente o tamanho da ofiófaga estrangeira.

– Dois metros e cinquenta?... – perguntou.

– Sessenta... dois e sessenta, pequena *Cruzada* – respondeu a outra, que tinha seguido o seu olhar.

– É um bom tamanho... Mais ou menos o comprimento de *Anaconda*, uma prima minha. Sabes de que é que se alimenta?

– Imagino...

– Sim, de víboras asiáticas – e olhou, por sua vez, para *Hamadrias*.

– Bem respondido! – redarguiu esta, balouçando de novo. E depois de refrescar a cabeça na água, acrescentou preguiçosamente:

– Tua prima, disseste?

– Sim.

– Sem veneno, então?

– Assim é... E justamente por isso tem uma grande fraqueza pelas estrangeiras venenosas.

Mas a asiática já não a escutava, absorta nos seus pensamentos.

– Ouve-me! – disse de repente. – Estou farta de homens, cães, cavalos e de todo este inferno de estupidez e de crueldade! Tu podes compreender-me; já aquelas... Estou há ano e meio fechada numa jaula como se fosse uma ratazana, maltratada, periodicamente torturada. E, o que é pior, desprezada, manuseada como um trapo por homens vis... É eu, que tenho coragem, força e veneno suficientes para acabar com todos eles, estou condenada a entregar o meu veneno para a preparação de soros antivenenosos. Não podes imaginar o que isto representa para o meu orgulho! Percebes-me? – concluiu, olhando a jararaca nos olhos.

– Sim – respondeu a outra. – O que é que eu devo fazer?

– Uma única coisa; só temos um meio de nos vingarmos definitivamente... Aproxima-te, não vão ouvir-nos... Tu sabes que temos necessidade absoluta de um ponto de apoio para podermos utilizar a nossa força. Toda a nossa salvação depende disso. Só que...

– O quê?

A cobra real voltou a olhar fixamente *Cruzada*.

– Só que podes morrer.

– Sozinha?

– Oh, não! *Eles*, alguns dos homens, também morrerão...

– É o meu único desejo! Continua.

– Mas aproxima-te um pouco mais... Mais perto!

O diálogo continuou durante algum tempo em voz tão baixa que o corpo da jararaca roçava, escamando, nas malhas do arame. De repente, a cobra abalançou-se e mordeu por três vezes *Cruzada*. As víboras, que tinham acompanhado o incidente de longe, gritaram:

– Já está! Já a matou! É uma traiçoeira!

Cruzada, mordida três vezes no pescoço, arrastou-se pesadamente pelo pasto. Depressa ficou imóvel e foi ela que o empregado do Instituto encontrou quando, três horas mais tarde, entrou no Serpentário. O homem viu a jararaca e, empurrando-a com o pé, fê-la dar uma volta como uma corda e observou o seu ventre branco.

– Está morta, bem morta... – murmurou. – Mas morreu de quê? – E acorrou-se para observar a víbora. O seu exame não foi longo: no

pescoço e na própria base da cabeça viu marcas inequívocas de dentes venenosos.

– Hum! – disse o homem para si mesmo. – Esta não pode senão ser a cobra-capelo... Ali está ela, enrolada e a olhar para mim como se eu fosse outra *alternatus*... Eu já disse vinte vezes ao director que as malhas da rede são demasiado largas. Aqui está a prova... Enfim – concluiu, pegando na *Cruzada* pela cauda e atirando-a por cima da barreira de zinco –, um bicho a menos para vigiar!

Foi ter com o director:

– A cobra-capelo mordeu a jararaca que ali metemos há bocado. Vamos extrair-lhe muito pouco veneno.

– É uma grande maçada – respondeu este. – Mas precisamos do veneno para hoje... Não nos resta senão um único tubo de soro... A *alternatus* morreu?

– Sim, deitei-a fora... Trago a cobra-capelo?

– Não temos outro remédio... Mas para a segunda colheita, daqui a duas ou três horas.

VIII


... Achava-se quebrantada, exausta de forças. Sentia a boca cheia de terra e de sangue. Onde estava?

O véu denso dos seus olhos começava a desvanecer-se, e *Cruzada* conseguiu distinguir o que a rodeava. Viu – reconheceu – o muro de zinco, e subitamente recordou tudo: o cão preto, o laço, a enorme serpente asiática e o plano de batalha desta no qual ela própria, *Cruzada*, ia perdendo a vida. Recordava tudo, agora que a paralisia provocada pelo veneno começava a abandoná-la. Com a recordação, teve plena consciência do que devia fazer, mas ainda iria a tempo?

Tentou arrastar-se, mas em vão; o seu corpo ondulava no mesmo sítio, sem avançar. Passou mais algum tempo e a sua inquietude crescia. – E estou apenas a trinta metros! – murmurava. – Dois minutos, um só minuto de vida e chego a tempo!

E após novo esforço, conseguiu deslizar, arrastar-se, desesperada, até ao laboratório.

Atravessou o pátio, chegou à porta no momento em que o empregado, com ambas as mãos, sustinha, pendendo no ar, *Hamadriás*, enquanto o homem das lentes fumadas lhe introduzia o vidro de relógio




Cada conto de *Anaconda* é um labirinto alucinante, no qual o homem se debate contra a morte, e onde o próprio leitor fica prisioneiro do pavor, da surpresa e do humor. Na mesma linha de Poe e de Maupassant, estes contos envolvem-nos num universo obsessivo onde o perigo da selva tropical, repleta de répteis e de animais exóticos, as febres e o calor asfixiante se unem aos delírios das sombras e dos pesadelos.

«Quiroga é, como sempre, fabuloso, fantástico, ecológico, moralizante, dramático, humano e muito mais. Um grande escritor de vida breve e agitada.»

PÚBLICO

«Mestre da narrativa curta, sábio administrador de palavras, Quiroga escreve como quem transforma em palavra os delírios de uma realidade "demasiado" natural.»

DIÁRIO DE NOTÍCIAS



ISBN 978-989-623-265-8



cavalos de ferro